

Polícia

MULHERES DA PM AD15173

Mais punição para marido violento

No mês em que se celebra os 29 anos da chegada de mulheres à PM, policiais da 1ª turma pedem mais rigor contra espancadores

Nathalia Pompermaier

Punições mais severas em crimes contra a mulher, leis mais rigorosas para maridos agressores e ação mais rápida em casos de violência doméstica. É o que policiais da primeira turma de mulheres formadas pela Polícia Militar no Estado do Espírito Santo defendem.

As 67 mulheres completaram 29 anos de formadas na última quarta-feira e atuam em várias áreas da PM. Segundo as policiais, um dos motivos que causam o grande número de crimes contra a mulher é a impunidade. Elas defendem que deveria haver leis mais severas para evitar que maridos sejam liberados após pagar fiança para que eles não fiquem soltos para cometer outras agressões.

“O marido agride a mulher, paga fiança e não tem a punição que merece. As pessoas não estão sendo punidas como deveriam”, disse a tenente Delizeth Dantas, 49.

Sobre a eficiência da medida protetiva, o documento divide opiniões. Algumas acreditam que o papel não é suficiente para evitar que o marido cometa agressões ou até um homicídio. Essas acham que, nesses casos, apenas a prisão seria eficiente.

Outras defendem que a medida serve para que o acusado das ameaças saiba que o Estado está ciente do que ele está fazendo contra a vítima e tenha medo de ser punido.

“Quando a pessoa quer cometer o crime, ela vai acabar achando um jeito de fazer. Então, se a polícia não for rápida, o crime vai acabar acontecendo. Para evitar esse tipo de crime, o cara tem que ficar atrás das grades. Eu não acredito que um documento falando que tem que ficar a tantos quilômetros vá evitar um crime”, defendeu a capitã Clara Adriana da Fraga, 50.

Todas concordam que, para evitar os casos de violência doméstica é preciso que haja mais integração entre órgãos como o Judiciário, a Polícia Militar e a Polícia Civil, para uma ação mais rápida em relação aos agressores.

Sobre a criminalidade no Espírito Santo, as policiais disseram que também apostam na integração entre o Estado, as polícias e o Judiciário para combater a ação dos bandidos nas ruas.

“Na época em que estávamos nas ruas os crimes existiam, mas não eram tantos. Hoje vemos pessoas que têm medo de ir às ruas por causa da violência, que andam com carros com alarmes, vidros fechados. A polícia faz a sua parte, mas a criminalidade cresce como erva daninha”, disse a tenente Silvana Sarcinelli Terra Pin, 47 anos.



JUSSARA MARTINS/AT

POLICIAIS MILITARES da primeira turma de mulheres que chegou à corporação se reuniram e comemoraram, 29 anos depois, a conquista de espaço. Elas defendem integração entre as polícias e os poderes Executivo e Judiciário para combater a criminalidade

O QUE ELAS PENSAM SOBRE...

Impunidade é desafio a ser enfrentado

Fiança

“Tem que haver a devida punição. Vemos em crimes de trânsito, por exemplo, que a pessoa não pode dirigir depois de beber e mesmo assim bebe. Por quê? Porque sabe que, mesmo se for parada e detida, vai pagar uma fiança e vai ser liberada”.

Tenente Delizeth Dantas, 49 anos

Medida protetiva

“Quando a pessoa quer cometer um crime, ela acha um jeito de fazer. Para evitar isso, o cara tem que ficar atrás das grades. Eu não acredito que um documento falando que o acusado tem que ficar a tantos qui-

lômetros de distância da mulher vá evitar o crime”.

Capitã Clara Adriana da Fraga, 50 anos

“Acredito que a medida protetiva seja um alerta do Estado falando que está de olho naquele marido, que se a mulher morrer, ele será o principal suspeito. Nesse sentido, a medida protetiva tem o seu papel”.

Capitã Sandra Mara de Carvalho Relo, 47 anos

Ocupação de morros

“O Estado já tem um trabalho em regiões, onde acontece um trabalho mais intensivo. Há vários projetos com a Sesp, em uma ação conjunta. Talvez

não pareça muito porque ainda são poucos bairros. Mas a criminalidade avança num ritmo muito maior do que o número de policiais”.

Capitã Clara Adriana da Fraga, 50 anos

Impunidade

“O marido vai lá, agride a mulher e paga fiança, mas ele não vê a punição que merece. Não é só a Polícia Militar que tem que agir, porque não damos conta. As pessoas não estão sendo punidas como deveriam. Nem que sejam penas alternativas. Ou pagam cestas básicas e são liberadas”.

Tenente Delizeth Dantas, 49 anos

CURIOSIDADES

Farda

▶ QUANDO ELAS se formaram, foi criada uma farda para as mulheres. Só que a farda era uma saia que dificultava no trabalho do policiamento ostensivo. Elas tiveram que solicitar a mesma farda que os homens. Foram 10 anos para conseguir o uniforme igual.

Promoções

▶ NA FORMAÇÃO da primeira turma feminina, foi criado um plano para promoções diferenciado para elas dentro da polícia. Esse quadro de promoções dificultava a promoção delas. ▶ DEPOIS DE MUITA LUTA, elas conseguiram fazer com que as mulheres tivessem o mesmo plano de carreira que os homens.

Vitória contra o preconceito

Vinte e nove anos depois de as primeiras mulheres da Polícia Militar terem se formado, elas afirmam que venceram muitas batalhas para acabar com o preconceito e conquistar o espaço da mulher dentro das fardas militares.

A tenente Silvana Sarcinelli Terra Pin, 47, contou que a turma foi formada em 1983, no fim do regime militar. Por isso, ainda sofriam com o receio da sociedade e de outros policiais.

Apesar disso, ela lembrou que a

entrada das 67 mulheres causou enorme curiosidade. “Nós chegamos a ir a vários eventos porque muita gente queria nos conhecer”.

Elas lembraram que o combate à criminalidade se tornou muito mais difícil pelo crescente número de crimes nos dias de hoje. “Hoje em dia a morte se tornou banal. A sociedade não é pega mais de surpresa quando se anuncia a morte de alguém, se tornou algo corriqueiro”, disse a tenente.

As policiais afirmaram que a turma continua muito unida. “Nos encontramos todos os anos. Formamos uma família”, disse a capitã Clara Adriana da Fraga.

Como conselho para as novas policiais, a capitã Adriana lembrou que elas devem manter sempre a vontade de trabalhar, o respeito ao ser humano e não perder a feminilidade. “Você não precisa ser arrogante. Tem que ter energia”.

Quatorze novas policiais nas ruas no ano que vem

Quatorze mulheres fazem parte da nova turma de policiais que irão reforçar o policiamento nas ruas da Grande Vitória no início do próximo ano. As futuras soldadas estão entre os 151 alunos que têm participado do treinamento da Polícia Militar.

De acordo com Bruna Luana Barboza, 22 anos, ela nunca havia pensado em ser militar antes de entrar no curso da polícia, mas disse que está animada para começar a atuar contra a criminalidade.

Ao contrário de Bruna, Heloísa De Boni Rocha, 21, sempre sonhou com a carreira militar, inspirada em seu avô, um policial da reserva. “Sempre gostei muito da profissão e admirei as mulheres inseridas na PM”, disse Heloísa.



ARQUIVOS DA POLÍCIA MILITAR

POLICIAIS da primeira turma de mulheres da PM: conquista em 1983